

O DIA MAIS FRIO: Capítulo 7 – Dissidentes

Dia 01 de agosto de 2640. Chegamos cedo ao Fórum. Heloise não largava a mão de Helen, estava muito nervosa e tendo crises de choro com soluço.



Figura 61 – Fórum Sul (externo)

O ambiente era frio, o silêncio da ante-sala sendo quebrado apenas pelo deslizar das portas automáticas. O Conselho Juvenil não estava ali. Apenas a Justiça Tutelar.

O Juiz chamou o caso. "Processo número 2024-T-1903. Culpado: Alexis Vance. Culpada: Helen Vance. Vítima (Menor sob tutela): Heloise Vance."

Fomos conduzidos para a sala de audiências. Heloise e Helen sentaram-se em uma bancada lateral. Eu fui direcionado à mesa de interrogatório.

O Promotor Público, um homem de constituição fina e olhar glacial, levantou-se. Ele não precisava de introduções. O sistema já havia sentenciado o caso.

- Transcrições da Audiência:

O Juiz: O Tribunal tomará as declarações do Sr. Alexis Vance, pai de Heloise. Promotor, pode iniciar.

Promotor: Sr. Alexis Vance, o Tribunal tem em mãos o relatório do Conselho Juvenil detalhando a fuga da menor de sua Colmeia residencial, a recusa em se apresentar para o exame obrigatório, e, mais grave, a evasão do perímetro de vigilância da família por um período de setenta e duas horas. Confirma os fatos?

Alexis Vance: Confirmo a ausência da menor pelo período e a recusa subsequente em se apresentar ao exame. No entanto, o termo "fuga" é impreciso.

Promotor: De que forma? A menor deixou voluntariamente as instalações, violando os protocolos de segurança e a vigilância dos responsáveis.

Alexis Vance: Minha filha foi abduzida por um marginal. Ela foi sequestrada da Colmeia. Heloise é menor e estava sob efeito de controle coercitivo e ameaças, o que motivou o seu afastamento forçado. Não foi uma fuga. Foi um rapto.

Promotor: A documentação apresentada não sustenta a alegação de "rapto". As câmeras de segurança indicam que ela deixou o local de livre e espontânea vontade, acompanhada. Mas vamos aceitar seu termo. Se foi um sequestro, por que o senhor e sua esposa, Helen Vance, não notificaram as autoridades de imediato? Por que a comunicação só ocorreu após o nosso contato inicial, já na esfera judicial?

Alexis Vance: Eu agi para garantir o retorno seguro de minha filha, que havia sido levada para fora do perímetro de segurança. Priorizei a segurança dela acima do protocolo burocrático, visto que o sequestrador era conhecido. Não houve omissão, houve ação parental direta e urgente.

Promotor: Essa "ação parental" culminou no seu deslocamento, registrado, para uma Zona de Dissidência de Alto Índice. O senhor adentrou um território que a Corporação classifica como área de risco máximo, ignorando explicitamente a segurança de sua própria pessoa e do ecossistema de controle. Além disso, o relatório forense de Heloise, após seu retorno, indica a presença de um novo *chip* de identificação inserido na mão da menor. Quem inseriu esse dispositivo?

Alexis Vance: Eu inseri o dispositivo.

Promotor: O senhor, um funcionário de alto escalão com acesso a infraestrutura crítica, inseriu um dispositivo de identificação não autorizado pela Corporação em uma menor sob tutela, e fez isso em uma Zona de Dissidência. Essa é a definição de cumplicidade, Sr. Vance. Sua ação não foi a de um pai resgatando, mas sim a de um agente que colaborou com a fuga e o encobrimento da situação, fornecendo à menor uma ferramenta para continuar subvertendo o sistema. O senhor e sua esposa foram cúmplices, e suas ações não terão uma defesa legal.

Alexis Vance: *(Olhando fixamente para o Promotor, sem alterar a voz)* Minhas ações foram tecnicamente ilegais, Promotor. Mas elas asseguraram o retorno da menor. O único fato que importa para o Tribunal, neste momento, é que Heloise está presente.

O Juiz: *(Intervindo, com um gesto de mão)* As alegações de cumplicidade e auxílio à dissidência serão consideradas nos autos. A defesa pode apresentar evidências por escrito.

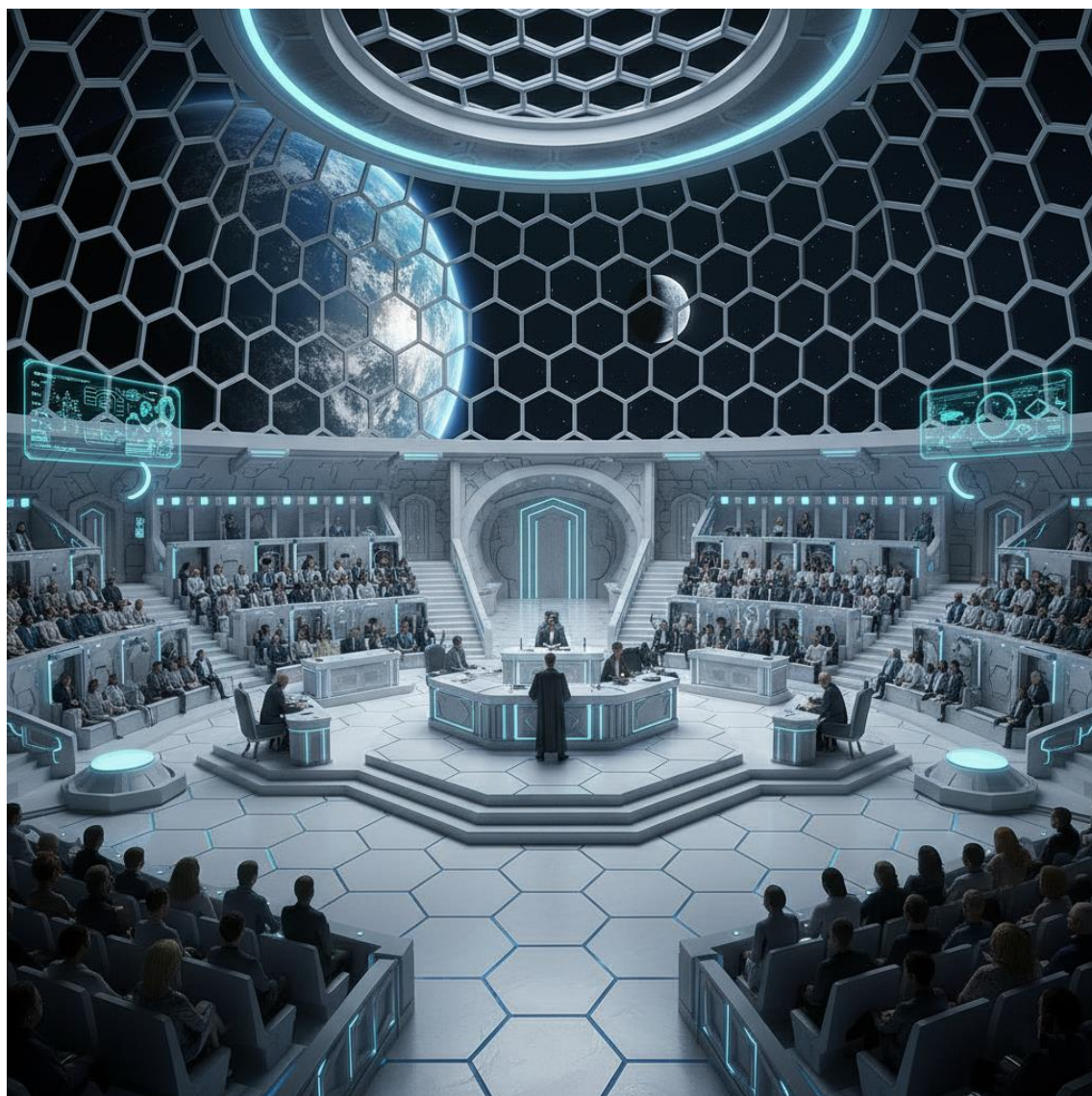


Figura 62 – Fórum Sul (interno)

(O Juiz bate o martelo)

O Juiz: Este Tribunal entra em recesso por dez minutos.

Fui tomar um cafezinho, Heloise continuava desesperada, chorando baixo e soluçando, Hellen procurava acalmá-la abraçando-a, eu procurava manter a serenidade.

Enquanto meu café esfriava, pensei: "Estes 10 minutos podem mudar o resto de minha vida e a da minha família. Pode ser a última janela para o meu Plano B." Não vou desperdiçar minha última chance. Vou colocar em ação agora o Plano B e efetuar o procedimento evasivo da fase 1. Peguei meu dispositivo móvel, que até então não teria o menor sentido me privarem de usar, pois sequer me revistaram. Calmamente, dei início à contagem regressiva:

10... Emulei um terminal 09... Conectei à IPA da Cyber 08... Forneci o *token* de acesso e as credenciais 07... Efetuei o login 06... Realizei o *attach* no servidor de *update* (onde instalei o vírus). 05... Executei o script do trigger 04... O script retornou 1 (executado com êxito) 03... O servidor retornou 200 Status OK 02... Automaticamente, o script acionou o *bot* para limpar os logs e dificultar o rastreamento. 01... O aviso de emergência e as luzes vermelhas foram acionadas 00... Música para meus ouvidos e sossego para os meus olhos.

Agora era hora de ser o mais teatral possível, não há margem de erro. Enquanto as pessoas iam e voltavam desesperadas tentando encontrar alguém ou alguma coisa que ficou para trás, segurei Heloísa e Hellen, uma de cada lado, e corremos em direção aos *drones* nas áreas de emergência.

O aviso ecoava repetidamente: "Dirijam-se para as saídas de emergência, isto não é um treinamento, estamos em rota de colisão com um corpo celeste". Em um momento desses o desespero é tão grande que até a ciência encontra com Deus

Tomamos assento dentro de uma nave de escape. Em poucos minutos de espera, fomos catapultados a uma velocidade simplesmente estonteante, vertiginosa. Quando dei por mim, já estávamos entrando na atmosfera; sentindo o calor insuportável, apesar dos isolantes térmicos. Pensei que fôssemos fritar na reentrada, mas logo notei a potência dos propulsores acionando o mecanismo reverso para frear a reentrada. Depois, começou a ficar suave e aterrissamos no pátio de uma instalação militar da Corporação na cidade flutuante de Nova Euráfrica.

A porta da escotilha abriu com um *hiss* pesado, revelando o ar úmido e quente da cidade flutuante, perfumado com ozônio e metal. Oficiais da Corporação nos aguardavam, mas não com hostilidade; pareciam estar seguindo um protocolo predeterminado. Fomos escoltados para uma área de quarentena de luxo. A ironia não me escapou: a mesma entidade que me caçava agora me protegia, pelo menos temporariamente, em troca do caos que eu havia semeado. Aquele pátio militar, sob o céu perpétuo de Nova Euráfrica, era o único lugar no mundo que o meu Plano B garantia como seguro.

Olhei para Heloísa e Hellen. Elas estavam assustadas, mas vivas. O sucesso da Fase 1 era completo: estávamos livres e o servidor da Cyber estava em colapso. No entanto, a verdadeira guerra começava agora. O vírus era apenas o sinal de fumaça; a informação que eu carregava na minha mente e nos meus dados criptografados era uma arma poderosa. Eu tinha trocado uma prisão de vidro por um cativeiro de ouro, mas aqui eu tinha controle, anonimato temporário e, o mais importante, tempo.

Era hora de reativar a comunicação com a rede externa e entender a dimensão da reação da Corporação. O preço da nossa liberdade seria pago em sangue e segredos.

Depois de me usarem por todos esses anos a Corporação esperava simplesmente me despachar em uma prisão imunda e acabar com minha família e minha linhagem, é assim que eles me agradecem, mas eu já esperava por isso, conheço os protocolos e sei as consequências de facilitar o nascimento do filho de um dissidente com uma menina de dezoito anos. Eles iam comer o meu fígado, mas agora eles tem um inimigo poderoso, eu conheço os humanoides da Cyber como a palma da minha própria mão Com o meu vírus entrando na fase 3, logo estarei operando comandos nas legiões de humanoides da Cyber Nexus e como o *Back Orifice* está em uma porta altíssima, ele nunca será detectado pelos *scanners* da rede.



Figura 63 – Dispersão de Emergência

Assim que pisamos no concreto da base, notei a segurança principal. Havia um cercado, provavelmente eletrificado ou com uma barreira magnética, e um humanoide posicionado na única saída. Identifiquei-o imediatamente como um modelo da série 2600-M8, a espinha dorsal de qualquer patrulha da Corporação. "É hora de testar a Fase 2 da minha arma", pensei. Peguei Heloísa e Hellen pelo braço e caminhamos em direção àquele guarda robótico, que estava escaneando a mão de todos que passavam para identificar o chip obrigatório. Passamos por ele sem sermos escaneados. Ao passar, olhei diretamente para o seu dispositivo óptico e notei que sua pseudo-pupila estava completamente desfocada, como se estivesse olhando através de nós, incapaz de processar nossa presença. Não resisti e dei um peteleco no nariz do "boneco", como Heloísa o chamava. Ele se assustou e abanou a mão no ar, espantando um inseto que só ele parecia ver. Tive que conter o riso. Olhei para Heloísa; seus olhos estavam arregalados e a testa franzida, o que, se fosse um desenho animado, seria um grande ponto de interrogação flutuando sobre a cabeça dela. Expliquei para as duas, num sussurro rápido: "Eu trabalhei muito na visão de máquina deles. Existe um vírus que faz o interpretador dele entrar em *loop*. Ele simplesmente não consegue nos decifrar." Eu não precisava dizer que eu mesmo havia implantado o vírus. Fase 2: Concluída com sucesso.

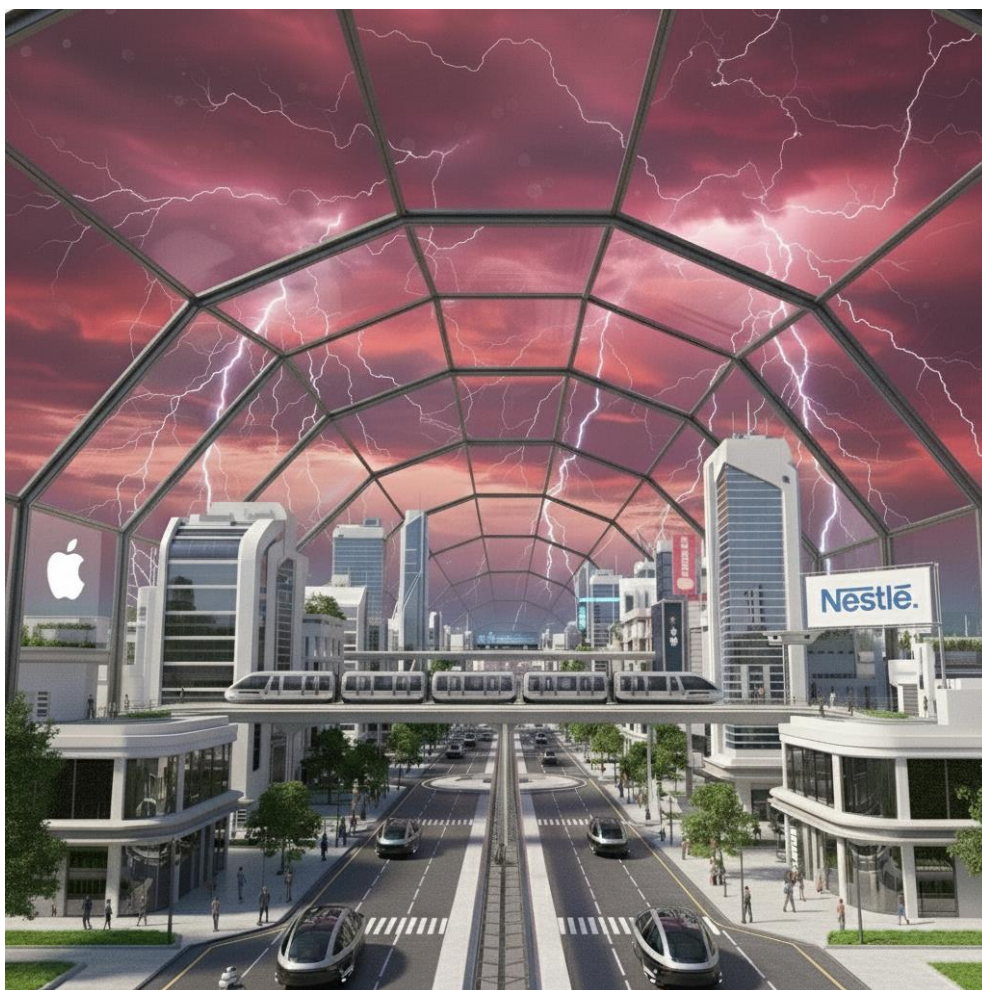


Figura 64 – Nova Euráfrica